

RESENHA**O IDEÁRIO COMUNISTA NA IMPRENSA DO ESPÍRITO SANTO: O CASO DO JORNAL FOLHA CAPIXABA**Roberto Teixeira¹**RESUMO**

O artigo busca, a partir de reflexões históricas conexões do jornalismo, especialmente, o impresso, com ideário político e a propaganda ideológica comunista no Brasil, relatar a experiência capixaba do jornal Folha Capixaba. Num período de maior liberdade de expressão, o periódico circulou de 1945 a 1964, sucumbindo à censura da ditadura militar. A publicação impressa acabou entrando para a história como um veículo de comunicação voltado às demandas populares.

Palavras-chave: Jornalismo, comunismo, popular.

ABSTRACT

This article seeks, from reflections on the historical connections of journalism, especially the print journalism with political ideology and ideological propaganda in Brazil, to report the experience of the newspaper Folha Capixaba. In a period of greater freedom, the newspaper circulated from 1945 to 1964, succumbing to censorship of the military dictatorship. The print publication ended up going down in history as a vehicle of communication geared to popular demands.

Keywords: Journalism, communist, popular.

¹ Professor da Faculdade Estácio de Sá de Vitória. Especialista em Comunicação Social. e-mail: teixeira.rb@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Os anos pós-guerra foram marcados pela crescente divisão do mundo entre os blocos comunistas, tendo o extenso país da União Soviética como principal artífice e o imperialismo econômico norte-americano. A cisão, anos mais tarde, redundou na chamada Guerra Fria, quando as superpotências lutavam pela hegemonia mundial.

Para tal, os meios de comunicação de massa, notadamente, os jornais impressos eram importantes ferramentas para a divulgação de ideais e de feitos produzidos pelos regimes. Neste cenário, surgem pelo mundo e no Brasil, os jornais comunistas propagando suas idéias de uma sociedade mais igualitária, buscando dar maior “voz ao povo”.

No Espírito Santo, o principal símbolo de divulgação dos ideais comunistas e objeto deste estudo é o jornal Folha Capixaba, periódico diário, situado no Centro de capital, Vitória, que iniciou a sua circulação no ano de 1945 e fechou as portas, de forma impositiva, baseada na violência, após o golpe do regime militar que assumiu o poder no ano de 1964.

O objetivo deste estudo é analisar a referida publicação impressa e qual a abordagem referente aos ideais comunistas pregavam em suas páginas. Como base de dados para este trabalho, foram realizadas pesquisas em exemplares disponíveis na Biblioteca Nacional, entrevistados profissionais que atuaram no periódico, além da utilização de literatura histórica e atualizada em relação ao assunto em tela.

O estudo se justifica pela necessidade de memória das atividades comunicacionais no Estado do Espírito Santo. Memória esta que, como tal, ganha importância pelo fato de ser a tornar a principal referência para constituição de nossa identidade.

Nesse sentido, este artigo buscará resgatar a trajetória do jornal Folha Capixaba, tendo como cenário os momentos decisivos da história do Brasil, em relação ao mundo, do Estado Espírito Santo e, desta forma, estabelecer o papel desempenhado pelo impresso e suas conexões com os outros campos sociais em etapas decisivas.

Segundo Sodré (1999, p.398), os principais pontos de interface entre o campo do jornalismo e os demais campos constituintes das sociabilidades é o “controle de meios de difusão de idéias e informações”, não sem lutas e disputas, e, a partir de uma “ligação dialética e não simplesmente mecânica”, a “influência que a difusão impressa exerce sobre o comportamento”, buscando padronizar valores éticos, culturais e comportamentais.

Na etapa inicial, o artigo remonta a configuração política nacional nos anos pós—guerra, desde a chegada ao poder do general Eurico Gaspar Dutra – quando, revestido de um aspecto democrático, tinha fortes conotações ditatoriais – até o ano de 1964, com o golpe imposto pelos oficiais militares.

O cenário político do Espírito Santo, no mesmo período, é o abordado posteriormente, quando se refere ao hegemonia do Partido Social Democrata (PSD) até o governo de cunho populista de Francisco Lacerda de Aguiar , o “Chiquinho”.

Por fim, o estudo remete aos aspectos técnicos, ideológicos e as principais abordagens do jornal Folha Capixaba, o periódico que buscava dar “voz ao povo”, por meio de idéias libertárias, apesar de manter, por vezes, uma postura de independência em relação aos governos vigentes.

2 DIVISÃO POLÍTICA/ECONÔMICA MUNDIAL

O ano de 1945, data em que o jornal Folha Capixaba começou a circular, é um marco na reabertura democrática de país. As eleições presidenciais e estaduais foram realizadas em 2 de dezembro de 1945. Naquela data também seria eleita a Assembléia Nacional Constituinte, cujo objetivo era substituir a autoritária Carta de 1937.

Desde aquele ano, quando foi implantada a ditadura do Estado Novo, era a primeira vez que se discutia política no Brasil. As siglas mais fortes eram a União

democrática Nacional (UDN), que representava a classe média urbana e o Partido Social Democrático (PSD), ligado aos produtores rurais.

O Brasil acabava de sair do Estado Novo, um período de ditadura caracterizado pelo fechamento do Congresso Nacional, imposição de uma Constituição de tendência fascista, censura aos meios de comunicação e repressão da atividade política pelo Governo de Getúlio Vargas, após o golpe de Estado Novo, em 1937.

Outros 12 partidos políticos surgiram, inclusive o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) de Getúlio Vargas tendo por base o movimento sindical urbano. Neste cenário, O PCB sai da clandestinidade e participa das eleições.

A reabertura em 1945 só foi possível devido à pressão internacional. Nesse período, terminava a Segunda Guerra Mundial em favor dos aliados e contra os estados Nazi-fascistas, a quem Vargas ideologicamente se alinhava. Isto fez com que ocorressem mudanças institucionais no sistema político do Brasil, culminando no fim do Estado Novo e na reintrodução das instituições liberais, como partidos políticos e realização de eleições.

A Segunda Grande Guerra chegava ao fim e o mundo começava a se dividir entre os blocos comunista - liderado pela União Soviética - e o outro, capitalista, capitaneado pelos Estados Unidos.

Apesar disso, o Brasil mantém os indícios de uma ditadura, quando o general Eurico Gaspar Dutra, pilar do Estado Novo, chega ao poder em 1945, apesar de uma fachada legal de democracia.

Apesar da oficial democracia, na prática, o que se via, era uma situação de repressão as principais liberdades de escolha. A nova constituição de 1946 até determinava que somente empresas nacionais poderiam ser proprietárias de jornais no país. Mas, cotidianamente, era de outra forma, conforme constata Shayder.

“O imperialismo, por outro lado não se limitava a burlar um dispositivo de lei adrede preparado para a burla; simplesmente não tomava conhecimento da

lei, quando lhe era conveniente. Pois, revistas dirigidas por estrangeiros, de propriedades de estrangeiros e até impressas no estrangeiro começavam a circular em nosso país, ferindo frontalmente o dispositivo constitucional.” (2002, p. 398)

O PCB, então bastante combatido durante a ditadura de Vargas, volta à legalidade em 1945 e articula seus diretórios em vários locais do país, principalmente no Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Belo Horizonte e São Paulo. E articula também publicações em vários lugares, principalmente jornais diários como: Tribuna Popular, distrito federal, Hoje (São Paulo), O Momento (Bahia). Folha do Povo (Pernambuco), O Democrata (Ceará), A Tribuna Gaúcha (Rio Grande do Sul), o Estado (Goiás) e a Folha Capixaba no Espírito Santo.

O Brasil, apesar de claramente alinhado ao poderio norte-americano, ares comunistas volta e meia assombravam a “segurança nacional”. Com a ameaça, ideais comunistas e os defensores de soluções estatais para as questões começaram a ser prontamente perseguidos.

O resultado é que, parlamentares tiveram seus mandatos cassados, o Brasil rompeu relações diplomáticas com a União Soviética e o Partido Comunista foi colocado fora da lei. “Tratava-se demonstrar que os defensores da solução estatal eram comunistas e, sendo os comunistas bandidos depravados não teriam direito a exteriorizar suas opiniões, antes deveriam ser punidos por isso.” (SHAYDER, 2002, p. 400)

Posterior ao mandato do general, assume o poder Getúlio Vargas, em 1950, por vias democráticas, adotando uma política nacionalista, por meio da campanha “Petróleo é nosso”, que resultaria, anos mais tarde, na criação da Petrobrás.

Mas, o aumento da pressão imperialista norte-americana fez surgir uma intensa campanha antinacionalista, por meio das agências de publicidade. Apesar disso, publicações como a revista Problemas, além do semanário Novos Rumos foram mantidos pelos comunistas durante alguns anos, segundo Sodré.

“É possível afirmar, sem nenhum risco de erro, que as ofensivas publicitárias, de 1951-1952, contra o clube militar sua revista e a ala nacionalista das

forças armadas, de 1953, da empresa última hora, e de 1954, contra o governo de Vargas com o seu clímax de agosto deste último ano, foram rigorosamente planejadas e desenvolvidas, e que as elas se devem os atentados cometidos contra a liberdade, inclusive a de expressão do pensamento e a tragédia final que levou Getúlio Vargas a suicídio”, (2002, p. 405).

Depois de Getúlio Vargas, Juscelino Kubsticheck tornar-se presidente do país em 11 de novembro de 1955, com a política desenvolvimentista de “50 anos em 5”. Dois anos depois, ocorre a primeira tentativa no congresso de evitar o controle estrangeiro exercido sobre a imprensa brasileira. A resposta veio em 1961, com uma tentativa frustrada de golpe militar, apoiado por instituições internacionais e uma forte tentativa de censura a imprensa.

Três anos depois, estas forças voltariam a ser reunidas e aplicar o golpe militar em 1964 - quando João Goulart era o presidente da república - destruindo e aniquilando praticamente todas as publicações de ideais comunistas no país, como o jornal Folha Capixaba, editado no Espírito Santo.

3 CENÁRIO POLÍTICO DO ESPÍRITO SANTO

A década de 40 buscou imprimir um novo ritmo e uma nova base ao desenvolvimento espiritosantense, mas também registra um crescimento no campo simbólico, tentando constituir uma identidade capixaba, segundo Mattedi (2005). No entanto, as políticas públicas implementadas neste período tiveram repercussão efetiva nas décadas de 1960 e 1970, que redundaram em um salto econômico.

Os anos de 1945 e 1947 foram marcados por instabilidade política no governo capixaba, visto que, quatro interventores administraram o Estado. Com este cenário de constantes mudanças, não ocorreram realizações marcantes historicamente no Espírito Santo.

A partir daí o PSD assume o controle político do estado. Carlos Fernando Lindemberg (PSD) foi empossado como governador do Espírito Santo em março de

1947, por meio do voto direto. Ele governou o Estado por duas vezes: de 1947 a 1950 e de 1959 a 1962. Com a posse, o chamado coronelismo e, no caso capixaba, “monteirismo”, renascia das cinzas com toda a força.

Nesta fase, abria-se um novo período da história republicana do Estado, marcada pelo predomínio de forças econômicas e políticas ligadas a agricultura, segundo Shayder (2002). O outro líder do PSD foi Jones dos Santos Neves, que cumpriu o mandato de 1951 a 1954.

Apesar de pertencerem a mesmo partido, Carlos Fernando Lindemberg e Jones dos Santos Neves tinham posturas políticas diferentes e distintas opiniões sobre o desenvolvimento econômico do Espírito Santo. Lindemberg exercia uma liderança coronelista, personalista e autoritária, e sua principal preocupação era incrementar o setor agropecuário. Jones Neves era um líder mais aberto e moderno, voltando sua administração para o incentivo ao processo de industrialização do Estado, segundo Shayder (2002). Na década de 50 do século passado, 80% da população que residia no Estado do Espírito Santo estava instalada no meio rural.

Apesar das práticas coronelistas, neste período, segundo a História da Imprensa Oficial, no Espírito Santo, as classes dominantes (agrofundiárias e mercantis-exportadoras) viram aparecer outros extratos sociais se expressando politicamente, emergido no seio da pequena produção (campo e cidade) e das classes populares urbanas.

O domínio do PSD foi destituído, neste período em duas eleições, em 1954 e 1962, com as chamadas “oposições coligadas”, formada pelos partidos PSP, PR, PRP, PTB, UDN e PDC. Francisco Lacerda de Aguiar, o “Chiquinho”, foi eleito nos dois pleitos, usando como estratégia de campanha ser um “homem do povo”.

“Francisco Lacerda de Aguiar, portanto, é a versão espírito-santense do fenômeno político chamado de “populismo”. Apesar de ser membro da elite, transformou-se em porta-voz das camadas populares – os “excluídos” do campo e das cidades. Foi um líder carismático e paternalistas, que seduziu e empolgou a “massa”,

ganhando sua admiração, fidelidade cega e voto, segundo aponta Sodré, referenciado na introdução.

O primeiro governo de Chiquinho coincidiu com o do presidente Juscelino Kubitschek. No entanto, governaram de maneiras opostas. Em nível federal, o Plano de Metas JK (“50 anos em 5”) e no Estado, o fortalecimento da agropecuária e estímulo a criação de cooperativas e laticínios. No segundo mandato, Francisco Lacerda de Aguiar continua incentivando a agroindústria, com a conclusão da BR-101 e BR 262, alinhado com o plano Trienal do presidente João Goulart (Jango).

O final do mandato sofreu com as repercussões em nível nacional, no auge da Guerra Fria e da política de conter o avanço do comunismo, como as ideias propagadas pelo *Folha Capixaba*, segundo Sodré: “Insinuavam-se ligações de Francisco Lacerda de Aguiar com elementos subversivos, uma vez que tinha sido eleito pela “Coligação Democrática”, que agrupava líderes de esquerda”. (199, p.109)

Cogitava-se a cassação do mandato do governador, além das especulações de um esquema de corrupção e propinas. Com a pressão, Chiquinho licenciou-se em 1966 e, em seguida, escreveu uma carta de renúncia.

4 A EXPERIÊNCIA CAPIXABA

O jornalismo impresso capixaba estava intimamente ligado a política partidária no período que se seguiu ao fim da Segunda Guerra Mundial, notadamente entre os periódicos de maior circulação como *A Tribuna*, *A Gazeta* e o comunista *Folha Capixaba*.

O jornalista aposentado Adam Emil Czartoryski lembra que “no Estado, nós tínhamos uma predominância muito grande de partidos e de candidatos, e havia um

enorme acirramento político. Os jornais se dedicavam praticamente à política, com um partido ou candidato guerreando com outro”. (MARTINUZZO, 2005, P. 81)

O jornal A Gazeta era considerado o “porta-voz” do governo Carlos Fernando Monteiro Lindenberg, eleito pelo PSD. O jornal foi adquirido por empresários, em 1948, mas, na verdade, foi parar nas mãos de integrantes do PSD, partido do governador em exercício. Depois disso, A Gazeta passou a ter a família Lindenberg como acionista majoritária.

Em 22 de setembro de 1938, foi fundado o jornal A Tribuna pelo jornalista paulista Reis Vidal, mais alinhados primeiramente às ideias facistas, segundo Czartoryski ((MARTINUZZO, 2005, P. 82) “O Reis Vidal tinha ideias fascistas e, no início da Guerra, defendia os alemães e, principalmente, os italianos. O jornal foi ‘empastelado’. Invadiram e quebraram tudo. O jornal ficou fechado por um tempo”.

O jornalista relembra o contexto em que se passou o surgimento, assim como os primeiros anos de funcionamento do jornal. “A Tribuna somente voltaria a circular no início da década de 1950, quando o jornal foi comprado por um grupo ligado ao Partido Social Progressista (PSP), de Ademar de Barros”. (MARTINUZZO, 2005, P. 81). O jornal Folha Capixaba, que começou a circular em 1945, se colocava como oposição política ao jornal A Tribuna. Era administrado por membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB). O seu slogan estampava: “*Folha Capixaba* é um jornal do povo”, apesar de manter uma relação diplomática com o governador Lindenberg e aos subseqüentes do PSD.

5 O CASO FOLHA CAPIXABA

O Jornal Folha Capixaba foi um periódico de caráter popular, publicado dos anos 1945 a 1964, quando teve seu processo de edição fechado pelo regime político imposto após o golpe da ditadura militar. O periódico serviu de instrumento para a divulgação dos ideais do Partido Comunista Brasileiro (PCB), das forças e movimentos de esquerda, de questionamento da ordem vigente e da visão popular como um todo.

A primeira fase, a partir de seu primeiro número, se deu com o PCB ainda na legalidade, entre os anos de 1945 e 1947. A fase posterior se deu com o partido comunista já na ilegalidade (1954 e 1958), mas com uma periodicidade diária.

E, finalmente em sua fase final, a partir do início da década de 60, até o seu fechamento pelo regime militar em 1964. É o momento pós o 20º Congresso do Partido Comunista realizado na União Soviética em 1959, em que os comunistas deliberaram pelo abandono da luta armada e assume a perspectiva democrática, reformista.

O jornal Folha Capixaba era um dos principais jornais da época, concorrendo com a Gazeta, A Tribuna e a Tribuna. Chegou a se tornar o “jornal de maior circulação do Estado”, conforme slogan estampado durante determinado período de sua existência em suas páginas.

O Folha Capixaba se tornou um jornal de idéias igualitárias, comunistas, com inúmeras dificuldades econômicas, pertencente a um partido que funcionou durante muitos anos na clandestinidade, segundo Martinuzzo.

O interessante era observar como um jornal marcadamente de esquerda, produzido sem uma infra-estrutura suficiente, que contava com diversos colaboradores para produção de textos, conseguiu concorrer, em termos de leitura da população, com jornais produzidos por empresa de comunicação (2005, p.221).

Os ideais que serviram de pano de fundo para a sua concepção foi a meta imortalizada nas páginas do Manifesto Comunista de Karl Marx e Friedrich Engels, redigido entre novembro de 1847 e fevereiro de 1848, de formação em uma classe e a conquista do poder político pelo proletariado, além da abolição da propriedade privada.

5.1 FASES PRINCIPAIS

Em 1944, o Espírito Santo contava com 15 periódicos, seis na capital e nove no interior, sendo doze jornais, duas revistas e um boletim, A Gazeta, A Tribuna, Diário Oficial e a revista Vida Capixaba eram os mais representativos. O Folha Capixaba surgiu antes mesmo da eleição do primeiro Comitê Estadual do Partido Comunista do Brasil no Espírito Santo, datado de 23 de maio de 1945, no Teatro Carlos Gomes, no Centro de Vitória.

O periódico teve seu primeiro número lançado em 1º de maio de 1945. Seus diretores e proprietários eram João Calazans e Érico Neves, os donos da tipografia onde era rodado o jornal. A redação, administração, distribuição e assinaturas, entretanto, eram de responsabilidade principalmente dos membros do Partido Comunista Brasileiro (PCB), que entrou na legalidade neste mesmo ano, quando terminou a ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas.

Na primeira edição, as principais manchetes foram o Dia do Trabalhador, com grandes questionamentos às leis trabalhistas, à memória de Domingos José Martins, considerado em herói capixaba em Pernambuco e análise da situação nacional e internacional por Luís Carlos Prestes, histórico dirigente do PCB.

O seu primeiro número de 6 páginas tinha o seguinte cabeçalho:

Folha Capixaba – Defesa da terra e do povo do Espírito Santo

Número 1 – Terça-feira, 1º de maio de 1945. Vitória – Espírito Santo.

6 páginas.

Na primeira edição, Prestes faz uma saudação especial ao jornal:

“Ao saudar neste primeiro número da Folha Capixaba, o povo do Espírito Santo, evoco a memória de Domingos José Martins, herói e mártir de 1817, padrão e guai de Brasil democrático e progressista a que havemos de chegar. Que a Folha

Capixaba seja digna dessa tradição e saiba defender com sinceridade e interessa os superiores interesses do povo espíritosantense e dos Estados vizinhos, é o que almeja.” Luís Carlos Prestes (26-4-45)

Dentre as notícias: “A Verdade sobre a notícia de rendição incondicional”, sobre o Governo Getúlio Vargas, Esportes, Saudação Anti-facista (Carlos Mariguela, Agildo Barata, Agliberto Azevedo, Antônio Bento Tourinho e Almir Neves) e as Notas: Abordagem sobre o fim do nazifascismo e surgimento da democracia no mundo, Morte de Mussolini, Mosquito, muriçocas e maruins.

O Editorial enfatizava a postura adotado pelo jornal “Presença”, um periódico de circulação nacional, que continha ideais como compromissos do povo, por meio de um regime democrático e progressista.

O artigo “ Amizade Polono-Soviética”, de autoria de Luís Carlos Prestes, abordava o acordo entre a União Soviética contra o inimigo europeu, o nazifacismo. Luís Carlos Prestes também fez análise nacional e internacional por meio da Mensagem do Povo. O jornal também enalteceu a vitória sobre o nazifascismo.

Também fizeram parte colunas como “Vida Social”, com Notícias sobre casamentos, aniversários, festas e de “Queixas e sugestões” – “Reclame, mas reclame sempre com razão”.

O expediente era assim composto:

Diretores responsáveis: João Calazans e Érico Novaes, Diretor responsável: Aldemar Neves, Redação, Administração e Oficinas: R. Duque de Caxias, 269. End.: Teleg: -Folha, fone:269, Correspondente em todos os municípios do Estado, no Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Belo Horizonte. Assinatura Anual: - Cr\$ 60,00. Número avulso – cr\$ 0,20

Sofrendo durante anos com inúmeras dificuldades financeiras, o jornal não parecia não exigir critérios rígidos dos anunciantes para tê-los estampados em suas páginas, como pareceu na pesquisa realizada in loco. A maior parte dos anunciantes

eram provenientes do comércio do Centro de Vitória, como Laticínios Safra, Emulsão Vitabroma, Sapataria Itabira, Sebastião Gomes, Seguros e Representações, Oficina Elétrica de Paulo Duran. Inclusive constava “Procure o balcão de anúncios do Folha Capixaba até às 20 horas, diariamente. O militante e anos depois governador Eurico Rezende chegou a publicar uma matéria paga para o comitê estadual pró Eduardo Gomes.

5.2 LINHA EDITORIAL

Desde o seu primeiro exemplar, datado de 1º de maio de 1945, o Folha Capixaba já tinha características que o acompanhariam por todas as demais edições, como a presença de artigos de membros do PCB, que configuraram a linha política do jornal, denúncias de problemas locais e divulgação de eventos do estado, com destaque para a área de esportes, conforme Dino de Oliveira (206) “O jornal era reconhecidamente, o órgão de divulgação do PCB no estado, legando aos seus leitores não somente os temas e as decisões partidárias , mas também diversas outras matérias do interesse geral e da população”.

Também promovia comícios e atividades, ou seja, os debates na vida política ultrapassavam as páginas do jornal e concretizavam-se na prática, no cotidiano, na praça pública. Como diz Clementino Dalmácio, são “histórias de Vitória antiga”, mas que marcaram um período de reabertura política do País. É interessante notar que o jornal refletiu a inserção da classe operária na cena política do Brasil e do Espírito Santo, guiada pelo PCB, que teve fundamental importância na difusão dos ideais de esquerda nesse período.

Na edição de número 1.321, datada de 23 de fevereiro de 1962, a Folha Capixaba, contendo 8 páginas, circulava de forma semanal, ao preço de cr\$ 5,00. O diretor era Hermógenes Lima Fonseca. A sua manchete era “Dirigentes Sindicais visitaram camponeses cotoxés!” e “Administração Rubens Gomes revoluciona Caixa Econômica” era a sua principal notícia.

A preocupação em divulgar a “voz do povo” sempre foi uma característica da publicação. Clementino orgulha-se de dizer que “era um jornal nosso. Nós podíamos publicar o que pensávamos, o que acontecia com o povo. Se o povo mandasse uma reclamação para *A Tribuna*, não saía. Para *A Gazeta*, saía um pouco. E, na *Folha*, saía tudo que o povo pensava”.

Portanto, é preciso perceber a *Folha Capixaba* como uma expressão concreta da necessidade de expressar idéias, posicionamentos políticos profundamente reprimidos durante muito tempo no País. O jornal representa a reorganização explícita da esquerda em torno de questões políticas, representada no PCB, o qual teve papel central em manter o jornal e pensá-lo como instrumento de classe. Desse modo, é possível perceber como os meios de comunicação, sobretudo o jornal, dizem muito de uma época. E *Folha Capixaba* diz muito sobre a visão popular e da esquerda do período de 1945 a 1964.

A *Folha Capixaba* circulou oficialmente até 1º de abril de 1964 quando sua sede foi invadida e destruída pelos agentes da ditadura militar. Todo o registro do jornal em papel foi perdido, uma vez que todo o acervo foi queimado ou apreendido. O pouco que restou dos materiais e equipamentos foi vendido tempos depois como sucata. Os responsáveis foram presos temporariamente. Clementino Damácio, por exemplo, chegou a ser detido três vezes num mesmo dia por participar da equipe do jornal. Depois de 15 anos em circulação, o *Folha Capixaba* deixa como legado um exemplo de meio de comunicação a serviço dos ideais democráticos e participação popular.

6 CONCLUSÃO

O entendimento de regastes históricos, no presente, contribui para o futuro projetado. O estudo desta forma busca a contribuir para o processo histórico em que era inserido o jornal impresso diário do Espírito Santo, *Folha Capixaba*, que influenciou idéias em uma sociedade que era basicamente dividida em seus interesses.

Ao realizar o resgate histórico é notória a importância da imprensa, registrando fatos, abrindo espaço para a defesa de pontos de vista e denunciando arbitrariedades e irregularidades. A busca, preconizada na literatura, é sempre o interesse público, dentro dos princípios de objetividade, e ainda, da imparcialidade, o que nem sempre foi possível, o que não é uma exclusividade do solo espírito-santense.

O jornalismo impresso capixaba, assim como ocorreu em várias partes do país, sempre esteve atrelado prioritariamente aos interesses políticos e econômicos, que ditavam a sua linha editorial. O jornal Folha Capixaba buscou fugir a esta regra abrindo espaço para que moradores pudessem se pronunciar, tendo como base, explicitamente em suas páginas, o ideal do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Em tempos atuais de intensa interatividade, impulsionado pela Internet, notadamente por meio das redes sociais, o jornal impresso diário do Espírito Santo, Folha Capixaba, no distante ano de 1945 tornou-se um marco local em relação a tentativa de ser a voz de uma sociedade em uma época que o suporte papel, bem como o rádio, era o principal meio de transmissão de informações em massa. Experiências como o Jornal Folha Capixaba servem como inspiração para o aprimoramento do fazer jornalístico, da abertura de debates e buscar entender o complexo contexto em que estão inseridas as comunidades, tendo sempre como foco os interesses da sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

A PRÁXIS DO GUERREIRO - A HISTÓRIA DE ANTONIO RIBEIRO GRANJA – A história de Antonio Ribeiro Granja/Dino de Oliveira Gomes. .

CAMINHADA DE TRAVESSIA, OS PRIMEIROS PASSOS DO NOVO GOVERNO DO ESPÍRITO SANTO/José Antônio Martinuzzo – Vitória: Governo do Estado do Espírito Santo, Superintendência de Comunicação, 2003.

DIÁRIO CAPIXABA: 115 ANOS DA IMPRENSA OFICIAL DO ESPÍRITO SANTO/organizado por José Antônio Martinuzzo, Vitória, Imprensa Oficial do Espírito Santo, 2005.

DR. CARLOS: um homem do campo e sua relação com o poder/Amylton de Almeida e Antonio de Pádua Gurgel. Vitória. Contexto Jornalismo & Assessoria Ltda., 2000.

HISTÓRIA DA IMPRENSA OFICIAL DO ESPÍRITO SANTO/José Carlos Mattedi – Vitória, 2005, José Carlos Mattedi.

IMPRESSÕES CAPIXABAS – 165 ANOS DE JORNALISMO NO ESPÍRITO SANTO/José Antônio Martinuzzo (organizador), Vitória, 2005.

O DEMOLIDOR DE PRESIDENTES, Marina Gusmão de Mendonça, Ed. Comex, São Paulo, 2002.

O MANIFESTO COMUNISTA/Karl Marx e Friederich Engels (tradução Maria Lúcia Como), Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998, Coleção Leitura.

SCHAYDER, José Pontes. *História do Espírito Santo: uma abordagem didática atualizada –1535/2002*. Campinas: Companhia da Escola, 2002.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.